





## Para a Morwenna

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt  
www.marcador.pt  
facebook.com/marcadoreditora

© 2016

Direitos da edição portuguesa reservados para Marcador Editora  
uma empresa Editorial Presença  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena

Copyright © Chris Riddell 2013

Publicado pela primeira vez em 2013 por Macmillan Children's Books,  
uma chancela de Pan Macmillan, uma empresa Macmillan Publishers International Limited.  
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma  
sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título original: *Goth Girl*  
Título: *A Miúda Gótica: Ada e o Fantasma de Um Rato*  
Autor: Chris Riddell  
Tradução: Líliana Sousa  
Revisão: Sílvina de Sousa  
Paginação: Gráfica 99, Lda.  
*Design* de capa original: Chris Riddell  
Arranjo de capa: Gráfica 99/Marcador  
Impressão e acabamento: Norprint

ISBN: 978-989-754-197-1  
Depósito legal: 417 289/16

1.ª edição: novembro de 2016

# A Miúda Gótica

Ada e o Fantasma de Um Rato

CHRIS RIDDELL

MARCADOR



ESTE LIVRO CONTÉM NOTAS DE RODAPÉ  
DA AUTORIA DO PÉ CORTADO DE UM ESCRITOR FAMOSO  
QUE PERDEU O REFERIDO PÉ DURANTE A BATALHA  
DE BADEN-BADEN-VURTEMBERGA-BADEN.





# Capítulo Um



da Goth<sup>1</sup> sentou-se na sua cama de dossel e espreitou a escuridão.

Lá estava de novo o barulhinho.

Um suspiro, suave e triste, que terminava com um pequeno guincho.

A Ada observou o quarto enquanto segurava a vela bem alto e descia da cama.

– Quem está aí? – sussurrou ela.

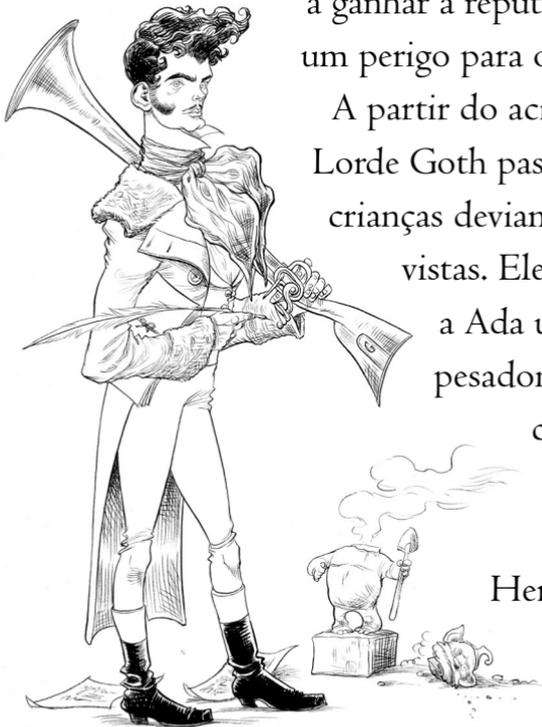
A Ada era a filha única do Lorde Goth, o senhor da Herdade Horripi-louca, o famoso poeta ciclista. A mãe dela fora uma linda equilibrista de Tessalonica, a qual Lorde Goth conhecera durante as suas viagens e com quem viera a casar-se. Infelizmente, Parthenope morrera enquanto treinava no telhado da Herdade Horripi-louca, durante uma tempestade de relâmpagos. A Ada era ainda bebé.

---

<sup>1</sup> Gótico. (N. T.)

Lorde Goth nunca falava sobre essa noite terrível. Ele preferia permanecer em casa, na sua casa gigantesca, fechado e esquecido no escritório, a escrever poemas extremamente longos. Quando não estava a escrever, Lorde Goth passava o tempo em passeios com o Pegasus, o seu cavalo de pau, pelos arredores da casa e a disparar o seu bacamarte contra as decorações do jardim. Não demorou muito tempo a ganhar a reputação de louco, mau e um perigo para os gnomos.

A partir do acidente no telhado, Lorde Goth passou a acreditar que as crianças deviam ser ouvidas e não vistas. Ele fazia questão de que a Ada usasse botas grandes e pesadonas sempre que caminhava pelos corredores e passagens da Herdade Horripi-louca. Dessa forma, conseguia ouvir os



LORDE GOTH

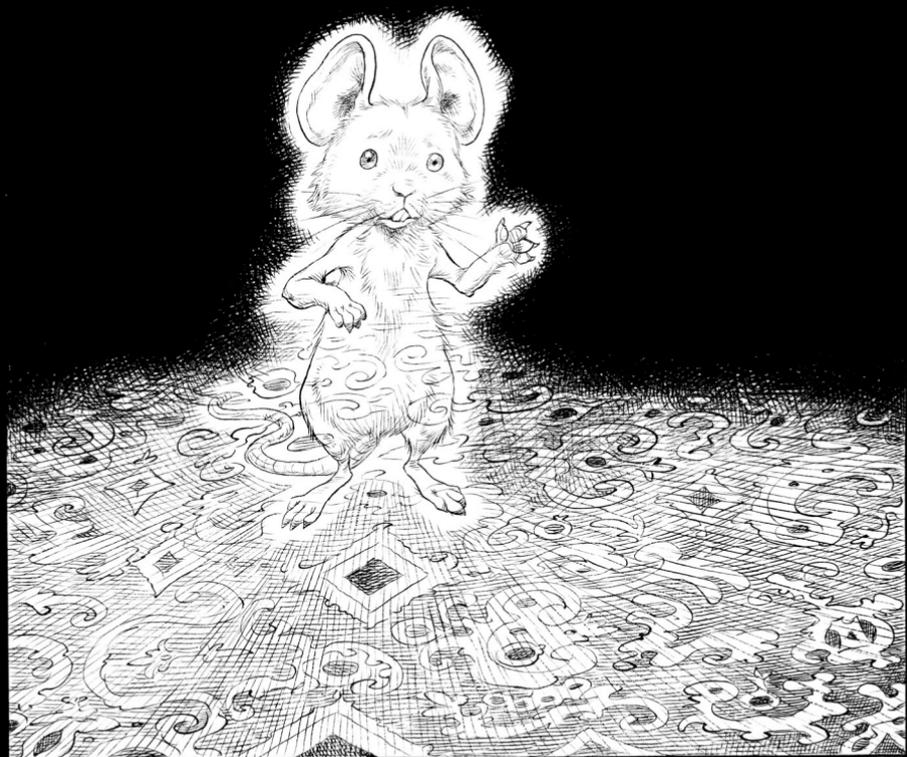
passos dela quando se aproximava e tinha tempo de se esgueirar para o escritório, onde ninguém o podia incomodar, evitando assim cruzar-se com a filha.

Isso significava que a Ada quase nunca se encontrava com o pai, o que a costumava deixar triste, mas compreendia. Uma vez por semana, quando tomavam chá juntos na grande galeria, ela via a expressão no rosto do Lorde Goth mudar sempre que os seus olhos se encontravam. A tristeza profunda no olhar dele era o suficiente para a Ada saber que se estava a lembrar da mãe, Parthenope, a linda equilibrista, e da terrível tragédia que lhe acontecera. Com cabelo preto encaracolado e olhos verdes, a Ada era muito parecida com a mãe. (Ela sabia disso porque herdara um medalhão com um retrato em miniatura de Parthenope.)

– Quem está aí? – sussurrou a Ada, desta vez um pouco mais alto.

– Sou só eu. – Veio uma vozinha de algures entre as sombras.





A Ada enfiou os pés nas sabrinhas pretas que estavam junto da cama. As sabrinhas, que a mãe usava quando fazia os equilíbrios, eram um pouco grandes para ela, mas bastante confortáveis e, o mais importante, muito silenciosas. A Ada gostava de as calçar para se esgueirar pela Herdade Horripi-louca. O que ela mais gostava era de explorar, especialmente à noite, quando todos dormiam. Apesar de ter vivido toda a vida ali, a Herdade era tão grande que existiam divisões onde a Ada nunca entrara e, nos terrenos exteriores, vários edifícios escondidos entre a vegetação que ainda tinha de explorar.

Ela pisou a velha alcatifa anatoliana segurando a vela frente a si. Ali, visível apenas numa mancha desbotada ao centro, estava uma pequena figura, branca, brilhante e ligeiramente translúcida.

Os olhos da Ada abriram-se, arregalados.

– Tu és um rato! – exclamou.

O rato brilhava palidamente e soltou outro suspiro que terminou num guincho suave.

– Costumava ser – disse ele balançando a cabeça.

– Mas agora sou o fantasma de um rato.